

## CORPO, CONSTRUÇÃO DE DOCUMENTOS E ARQUIVOS: DISCURSOS DE MEMÓRIAS DE CIENTISTAS NA CULTURA DIGITAL

ANDREA PAULA DOS SANTOS\*

Este trabalho pretende levantar pontos de reflexão entre diálogos e dilemas expressos por meio de tecnologias de informação e comunicação acerca da construção de arquivos e discursos de memórias de cientistas sobre suas trajetórias, relacionadas à história da ciência brasileira ao longo do século XX. Tais pontos surgiram em práticas de pesquisa, particularmente, num projeto desenvolvido em nível de pós-doutorado junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência e ao Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência (CESIMA), PUC-SP, sobre memória e histórias de vida de cientistas, ligados à área de Química, por ocasião das atividades em torno do centenário de Simão Mathias, considerado um dos maiores cientistas brasileiros, primeiro doutor em Química, formado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, na década de 1940. As práticas de pesquisa dialogaram com alguns aspectos da cultura digital emergente no contexto atual de transformações provocadas pelas tecnologias de informação e comunicação, influentes em processos de construção transitória de identidades e de subjetividades múltiplas e sobrepostas de indivíduos e grupos na contemporaneidade, e que atravessam seus corpos, corporeidades e noções de como se constituem como sujeitos e como comunidades. Partimos de algumas das provocações de Jacques Derrida sobre o que afirma ser um arquivo: “exterioridade de um lugar, operação topográfica de uma técnica de consignação, constituição de uma instância e de um *lugar de autoridade*”. A pergunta que nos interessa aqui é: “em que se transforma o arquivo quando ele se inscreve diretamente no próprio corpo?” (DERRIDA, 2001, p. 8) O filósofo fala de marcas corporais e nós refletimos também sobre o corpo e a memória que, simultaneamente, habita e não habita o corpo. Partimos de algumas noções de corpo em diálogo com a de arquivo, *Arkhê*: começo e comando. “*Ali onde as coisas começam*”, “ali onde se exerce a autoridade, a ordem social, *nesse lugar* a partir do qual a *ordem* é dada”. Ou arquivo

---

\* Professora Adjunta da Universidade Federal do ABC (UFABC), Mestre em História Social, Doutora em História Econômica (USP) e Pós-Doutora em História da Ciência (PUC-SP).

como *arkheion* grego: casa, domicílio onde se guardavam os documentos oficiais, ao mesmo tempo endereço dos magistrados superiores, os que tinham poder político e o de interpretar os arquivos (DERRIDA, 2001, p. 11-13). Nesse sentido, é no ato de comemorar, de se trazer a memória, que se alguns cientistas entrevistados, pertencentes a gerações diferentes daquelas que pesquisadores mais jovens fazem parte, lembram suas trajetórias registradas em documentação audiovisual. Constituem arquivos interessantes sobre muitos temas e especialmente acerca de relações intergeracionais em nossa época, e como elas são suporte e substrato da construção de documentos e de discursos de memórias escritos na cultura digital.

Comprendemos que as reflexões em torno de relações intergeracionais são definidas culturalmente pelo que os grupos sociais estabelecem como próprio de uma geração, associando, agrupando e localizando sujeitos por etapas ou fases da vida dos indivíduos. Consideram-se não apenas a faixa etária ou a quantidade de anos vividos para se definir quem é jovem e quem é velho, mas também as experiências e as vivências em determinadas formas de sociabilidade, contextos sociais e processos dinâmicos, que mesclam aspectos cognitivos, ambientais e corporais bastante complexos. Levando em conta a diversidade de experiências que os sujeitos vivenciam na contemporaneidade, podemos ter configurações bastante plurais e heterogêneas entre aqueles que poderiam ser considerados até bem pouco tempo atrás pertencentes a uma mesma geração em termos de locação em contextos e processos históricos, e mesmo em quantidade e qualidade das experiências vividas (FERRIGNO, 2006; LOPES, 2006; NERI, 2007). Juventude e velhice, numa perspectiva histórico-antropológica, são categorias historicamente construídas e tão variáveis e, embora tenhamos nos acostumado a enxergar algumas particularidades próprias em cada uma delas, nossa pesquisa ajudou a problematizar tais fenômenos como complexos, instáveis, heterogêneos, muito além das caracterizações por faixas etárias. Para alguns, a categoria juventude refere-se a um tempo da vida mais passageiro do que o da velhice, onde pode-se observar as transformações de forma mais intensa. Para outros, a velhice é tão passageira quanto a juventude, e ainda é ameaçada pela percepção aguda da passagem do tempo e da chegada da morte, o que chega a intensificar mais ainda as transformações vividas pelos sujeitos. Outros ainda desconfiam que juventude e velhice, cercadas por estereótipos, mitos, preconceitos e estigmas, possam se constituir como

categorias de análise passíveis de alguma delimitação, seja em termos culturais ou biológicos rígidos e fixos. Para estes, conta mais saber com quem, onde e como os sujeitos se categorizam, se apresentam, se identificam, se sociabilizam, se movem nas sociedades contemporâneas (DEBERT, 1999; MYNAIO, 2006; GROppo, 2000; SARLO, 1997).

Nossa pesquisa também buscou estudar e problematizar tais categorias geracionais a partir do desenvolvimento das entrevistas com cientistas que pertenciam a diferentes gerações, realizadas por pesquisadoras mais jovens, observando o que cada geração prioriza narrar neste diálogo para juntos trocarem experiências, mediadas por algumas tecnologias de informação e comunicação em espaços privados e públicos. Além das histórias pessoais, as narrativas têm foco nos temas que abrangem ciência, tecnologia e sociedade, mesmo que os ambientes onde foram produzidos os registros tenham variado desde laboratórios e escritórios nas universidades até as residências de alguns cientistas. Para refletirmos sobre algumas dessas práticas em andamento, e apresentar alguns fragmentos dos diálogos e dilemas que emergiram no projeto, partimos da problematização, talvez no sentido de desconstrução proposto por Jacques Derrida, da permanência, fixidez e/ou estabilidade de alguns dos significados do conceito de corpo, memória, velhice, juventude, tecnologia e documento no âmbito de trabalhos de pesquisa e de produções sobre a história de sujeitos e grupos, sobretudo, nas áreas de Humanidades e das Ciências Sociais (DERRIDA & BENNINGTON, 1996). Queremos primeiramente refletir sobre os limites dos usos na contemporaneidade de alguns significados consagrados, influenciando outros criados e adotados ao longo do tempo. Considerando contribuições interdisciplinares, por exemplo, tais definições se encontram num processo de questionamento de suas validades críticas e de suas possibilidades de subsidiarem construções de novos discursos e documentos sobre o corpo, a velhice, a juventude, constituindo arquivos, centros de memória, museus, entre outras formas e instituições que se propõem a fazer guarda e/ou divulgação dos vestígios produzidos pelos sujeitos e grupos, e assim decidir o que deve ser lembrado pelas sociedades, para que o esquecimento não seja a tônica da dinâmica social imediata e futura. Propomos, portanto, uma reflexão teórica e prática, sobre a necessidade de reconhecimento não apenas das disputas em torno das definições das categorias de análise como geração, juventude, velhice, corpo, memória, mas também daquelas em

circulação sobre tecnologias que supostamente seriam próprias a um ou outro grupo, quais tecnologias podem ser utilizadas para a construção de memórias, que informam e dão sustentação a essas disputas e encontram-se igualmente em linha de fogo. Sabemos que todas essas categorias são construções teóricas que podem comportar sentidos bem diferentes e que os pesquisadores escolhem que tipo de construções serão aquelas que mobilizarão como ferramentas nos seus trabalhos. Aqui delinearemos algumas dessas noções a partir das escolhas teóricas e metodológicas forjadas pelas nossas experiências acadêmicas e profissionais, entrelaçadas por processos de formação e de atuação interdisciplinares, nas fronteiras entre as Ciências Sociais (notadamente a Antropologia e a Sociologia), as Humanidades (História, Filosofia, entre outras) e as Artes.

Nessas perspectivas, corpo e memória se confundem. O corpo do qual falamos, que para Jean-Jacques Courtine foi teoricamente inventado no século XX, foi simultaneamente objeto e sujeito do nosso projeto (COURTINE, 2008). E a memória, entendida como ato de lembrar, pode ser um fenômeno físico ou biológico que só faz sentido e ganha expressão discursiva quando se refere à cultura como capacidade de sujeitos e grupos de construir e transformarem significados sobre o passado e sobre o presente, tanto nos sentidos antropológicos definidos por Clifford Geertz, repensados em termos de processos interculturais e criações de cidadanias culturais, por Nestor G. Canclini, e também no sentido das políticas e de discursos de/sobre memória formuladas por Andreas Huyssen e Beatriz Sarlo (GEERTZ, 1989; CANCLINI, 2005a, 2005b; HUYSSSEN, 2004; SARLO, 2007). O corpo é nossa forma de estar no mundo, de percebê-lo, de ser reconhecido pelos outros, em processos de alteridade que permitem nos construir como sujeitos e assim elaborar mundos íntimos, nossas subjetividades, representações, sempre em relação aos outros e aos contextos e ambientes que nos cercam (COURTINE, 2008; LE BRETON, 2003; KECK & RABINOW, 2008). O corpo inventa e se apropria de comportamentos expressivos e estéticos, isto é, faz performances, e é marcado por corporeidades, ou seja, por usos e técnicas apreendidos, determinados, disciplinados, criativos, normatizados, desviantes, que fazemos dele, dentro e fora de instituições, através de linguagens e discursos que partem de oralidades, gestualidades, musicalidades, de traços escritos ou desenhados, entre outras práticas culturais mediadas por tecnologias que criamos e que empoderam sujeitos e grupos para expressar ideias, sentimentos, sensibilidades, posições, valores

(MAUSS, 2003; FOUCAULT, 2004, 2006; ZHUMTOR, 2007; CARDIM 2009). Corpos são plurais, vivem em múltiplos contextos na mesma contemporaneidade e são, ao mesmo tempo de sujeitos únicos e de populações, constituintes e atravessados pelo biopoder clássico, anátomo-político do corpo, submetidos, exercendo e legitimando processos disciplinares corporais, relacionados às questões de gênero, sexualidade, étnicas e geracionais. Simultaneamente e paradoxalmente, sujeitos, seus corpos e subjetividades inseridos em grupos identitários ou comunidades sobrepostas, vivenciam processos denominados como biossociabilidades, onde se misturam usos de biotecnologias, de práticas medicinais e bioascéticas, de técnicas corporais para estabelecerem novos sentidos de pertencimento, isto é, novos parâmetros para construção de identidades, as chamadas bioidentidades (KECK & RABINOW, 2008; LE BRETON, 2003, 2006; ORTEGA, 2008).

A memória parte do corpo, habita o corpo, é corpo. A memória refere-se à nossa capacidade de lembrar e de esquecer, que pode ser expressa por técnicas corporais ou por inúmeras outras tecnologias (metodologias, formas de fazer, procedimentos, aparelhos, dispositivos que criamos para perceber e se relacionar com o mundo) fabricadas pelos sujeitos com seus corpos, em corporeidades e em documentos criados pelo exercício de corporeidades. O corpo é carne, é a dimensão biológica e animal da existência humana, e também guarda a possibilidade de – ao mesmo tempo e de forma plural, contraditória, ambígua, complexa – expor aos outros o que achamos que somos por meio de técnicas e tecnologias que acionam a memória e dão significados aos nossos sentidos de pertencimento e de continuidade em tempos e espaços, isto é, nossas identidades ou bioidentidades, como alguns estudiosos preferem definir ao analisar processos e práticas de certos sujeitos e grupos na contemporaneidade. Corpo, memória e tecnologias são dimensões multifacetadas do que somos como sujeitos históricos, seja sob o crivo dos biopoderes ou das biossociabilidades. Podem se separar conceitualmente no esforço teórico que fazemos para entender o mundo, mas não se separam na experiência vivida. Não existem corpos sem marcas de memória, de técnicas e tecnologias, pois mesmo que um sujeito acabe de nascer ou perca a capacidade de lembrar ou de esquecer, a cultura no qual sua corporeidade está inscrita criou técnicas e tecnologias individuais e coletivas que envolvem, entram, atingem nossos corpos desde antes do nascimento, para marcar e externalizar ao corpo o que cada grupo ou sociedade

considera que precisa ser lembrado, esquecido, vivenciado pelos sujeitos. Biopoder feito por políticas que engendramos, controlamos, legitimamos ou não, e ainda biossociabilidades que protagonizamos, endossamos e adotamos (ou não?) coexistem nos mesmos corpos com marcas de memórias, técnicas e tecnologias, porém de modos diferenciados, específicos, que qualquer generalização teórica não conseguirá mais explicar.

Um corpo é vida, e nunca é o mesmo. Ao longo de uma única vida, curta ou longa, um único corpo é diferente, se transforma, seja pela ação do tempo e das experiências em que as corporeidades o insere, seja pela ação deliberada dos sujeitos de modificá-los, (des)construí-los. O corpo intocado, sagrado, higienizado, limpo, é uma representação, parte de uma construção histórica, tanto quanto o corpo modificado, alterado, com inscrições, objetos, roupas, representações que se sobrepõem ou são subjacentes a ele, como extensões tecnológicas que mudam em mil e uma variações, de sujeito para sujeito, de grupo para grupo, de contextos para contextos. Hoje alguns dizem que o corpo é incerto (ORTEGA, 2008), mas talvez ele sempre tenha sido assim, embora certas construções teóricas ainda pareçam querer situar sua história em sentidos de origem, dualistas, de certo modo idealizados e imaginados, ou ainda vigiado pelo biopoder das políticas públicas de saúde, de “qualidade de vida”, de controle sanitário, onde ele seria mais estável, limpo, saudável, “puro”. O corpo incerto da cultura contemporânea é criticado por ser explicitamente modificado, por dar visibilidade como nunca, de como é produto dos seus usos, fruto do que sujeitos podem e/ou querem expressar para si e para outros. É corpo da biopolítica e da biossociabilidade, menos em oposição e mais em sobreposição. Corpo complexo, ambíguo. Corpo que o bem e o mal dos valores morais da civilização ocidental cristã insistem em classificar, generalizar, enquadrar e até mesmo hostilizar, com discursos mais ligados aos biopoderes em voga do que aparentam, mesmo quando a cultura acadêmica insiste em dizer que não o faz...(SANTAELLA, 2003)

Tais reflexões sobre corpo, memória e tecnologias foram postas pelas práticas deste projeto de pesquisa em nível de pós-doutorado, porque propôs aos cientistas – alguns dos quais poderiam ser considerados como idosos, se identificados com as definições geracionais já problematizadas – que contassem suas histórias de vida para um registro mediado por um dispositivo tecnológico, gravador e câmera de vídeo digital, para assim favorecer um processo de construção documental

relacionado aos usos e construções de memórias individuais e coletivas, dirigidas principalmente à comunidade acadêmica a qual pertencem. Como pesquisadores, por sua vez, nos dispomos, numa perspectiva interdisciplinar, a olhar, ouvir, escrever (OLIVEIRA, 2006) em torno de práticas compartilhadas num diálogo intergeracional que ressignificam corporeidades estabelecidas anteriormente. Assim, debruçamo-nos sobre práticas que começam com a provocação deliberada e estudada dos atos de lembrar dos sujeitos e continuam no incentivo ao uso de tecnologias de informação e comunicação para tentar exteriorizar e consolidar essas lembranças em outros suportes que não apenas os seus cérebros, com sua capacidade corporal e mental de esquecer, lembrar e contar essas lembranças por meio da expressão oral, capturada pela linguagem audiovisual. Propôs-se, dessa forma, a assumir a existência da mediação dessas memórias e inseri-las num contexto paradoxalmente individual e coletivo, em que se borram as fronteiras entre o que é interno e externo à dinâmica corporal de lidar com memórias, agora pertencentes a sujeitos de categorias geracionais distintas. Sujeitos mais jovens e mais idosos, com seus corpos e suas formas performáticas diferentes e semelhantes de lidarem com as próprias corporeidades, constroem significados interculturais e sentidos de pertencimento de continuidade com tecnologias de informação e comunicação em tempos e espaços plurais de uma grande comunidade científica (BAUMAN, 2003, 2005; HALL, 2006; CANCLINI, 2005a, 2005b, 2008; CAVENACCI, 2005; ZHUMTOR, 2007).

A elaboração de registros, de escritos a partir das entrevistas, de revisão, edição e autorização das mesmas por parte de pesquisadoras mais jovens e cientistas mais idosos em práticas de trabalho ora conjunto ora individual, nos revela como as performances, os comportamentos expressivos em espaços de pesquisa, públicos ou privados, com criação documental, podem trazer possibilidades instigantes de colocar em debate muitas das visões teóricas e práticas cotidianas. Estas, quase naturalizadas e legadas ao senso comum, de profissionais e leigos que têm materializado e desmaterializado corpos, corporeidades, performances, memórias e documentos, nem sempre refletindo sobre o que fazem e o que podem fazer diante dos excessos e dissoluções de lembranças e arquivos, ainda vistos como lócus privilegiado do depósito dos vestígios de práticas humanas a ser legado ou não às futuras gerações.

Em outras oportunidades, quando trabalhamos com histórias de vida, pesquisa e

cultura audiovisual (SANTOS, 2007, 2010), lembramos que Pollak afirmou ser a memória um fenômeno construído, social e individualmente, cujos modos de construção podem ser conscientes ou inconscientes, características que, segundo Bauman, também podem ser atribuídas ao conceito de identidade (POLLAK, 1989, 1992; BAUMAN, 2005). O corpo é um meio de expressão dessas lembranças, mas também a sua finalidade, e pode acionar outros recursos, tais como as tecnologias de comunicação e informação para dar visibilidade a certas construções discursivas de memórias à margem das políticas e dos discursos de/sobre memória reconhecidos pelas instituições mais tradicionais, bem como a outras formas de perceber suas próprias trajetórias ou histórias institucionais, à luz de como reconhecem diferenças em suas etapas de vida, da juventude à velhice, muitas vezes na periferia das práticas dos biopoderes clássicos e das biosociabilidades em voga.

Desde meados da década de 1960, o nosso presente onipresente insiste na busca interminável de raízes, obcecada com a construção de memórias, de corpos que revelem (bio)identidades e experiências, de linguagens que expressem representações subjetivas que constituem os sujeitos, pois as transformações velozes levam a constante ruptura entre presente e passado. A memória está nos corpos tanto quanto está nas linguagens e atua em múltiplas temporalidades, mas o seu tempo principal é o presente que necessita do passado, sendo que a construção de memórias sempre acontece no presente, responde às suas demandas, ficando evidentes seus usos, primordialmente feitos no presente, nas corporeidades que construímos e manipulamos. Vivemos entre a amnésia e a vontade de nada esquecer, soterrados em meio às informações excessivas, sendo que as memórias, as linguagens e os corpos pelos quais circulam, são sempre construções sociais, mediadas pelas relações de (bio)poder entre sujeitos, grupos em sociedade. Vivemos e reagimos tanto ao medo da “perda da memória” quanto em relação aos seus excessos como mais uma forma de descartar, consumir, esquecer, em meio a overdose de informações, uma das grandes ameaças do mundo moderno e/ou pós-moderno – conforme a análise crítica sobre a contemporaneidade (HUYSSSEN, 2004; SARLO, 2007; GIDDENS, 1991, 2002).

Entendemos que a memória se manifesta como demanda por novas identidades e subjetividades de resistência, de criação, de afirmação e negação de novas e velhas comunidades, onde esta se reivindica como direito e como dever, constituindo

cidadanias culturais. A memória está ligada aos nossos corpos, porém extrapola para a sociedade como um todo, às nossas culturas, configurando histórias, identidades e subjetividades individuais e coletivas. Podemos construir memórias em conjunto, pois as lembranças de um podem se interligar com as de outros, as experiências, compartilhadas entre mais velhos e mais novos, se transformam em experiências, performances e corporeidades de ambos, mudando formas de compreensão acerca do passado e do presente, permitindo registrar singularidades e assim conhecer mais sobre nossas próprias histórias, modos de vida, particularidades de uma comunidade, de maneiras de estar no mundo, corporeidades. Tentamos saber quem somos e acabamos por nos transformar no diálogo, performaticamente, pois em meio às narrativas organizamos e compartilhamos novas e velhas experiências.

Assim, para conhecer mais da comunidade científica ligada ao desenvolvimento da área de Química no Brasil, estabelecemos uma rede de entrevistados indicados por pesquisadores coordenadores do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência e do Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência (PUC-SP) e pela secretaria e diretoria da Sociedade Brasileira de Química. As sugestões de nomes de cientistas a serem entrevistados se orientaram tanto pela participação destes na construção da Sociedade Brasileira de Química (SBQ) quanto da institucionalização das ciências no Brasil, todos com alguma ligação com a trajetória de Simão Mathias<sup>1</sup>, grande personalidade no meio acadêmico, cujo centenário também foi o motivo levantado para estabelecer registros históricos e construir uma memória compartilhada por esta comunidade. Dos nomes contatados, sete cientistas, residentes em quatro estados diferentes (BA, RJ, SP, PE), seis deles ex-presidentes da SBQ, ou seja, lideranças reconhecidas da comunidade científica brasileira, aceitaram conceder entrevistas sobre suas trajetórias. As formas complexas e variadas como os cientistas lidam com suas trajetórias e como as expressam em narrativas mediadas com os usos de tecnologias de informação e comunicação nos levaram a tratar de como nós, pesquisadores – e podemos dizer, também cientistas – lidamos com a percepção de nossas próprias trajetórias, com experiências de vida em outras comunidades científicas e acadêmicas, e também com as mesmas tecnologias que utilizamos para a construção

---

1 O centenário de Simão Mathias foi lembrado pelo CESIMA-PUC/SP por meio de várias atividades, com destaque para um Seminário Internacional realizado em 2008, que contou com a presença de cientistas e historiadores da ciência de

mediada de documentos para compor discursos de memórias.

Os registros de memórias implicam em atos de lembrar em contextos de criação de diálogos entre sujeitos e grupos que se dispõe a falar, com seus corpos e suas performances, sobre suas lembranças, que se estendem para além dos limites corporais, abrangendo objetos, imagens, paisagens, tecnologias, que são apropriados e se tornam documentos e vestígios de subjetividades e de experiências sociais em determinadas comunidades em nossa sociedade. Os registros das memórias desses cientistas foram feitos de forma colaborativa, às vezes com a mediação de uma ou duas pesquisadoras, por meio de gravadores de áudio e de vídeo digitais e o apoio de outras tecnologias de comunicação e informação, como computadores, para transcrição e edição dos mesmos para a linguagem escrita. Tais práticas proporcionam problematizar as trajetórias dos cientistas, a história da ciência no Brasil, bem como são os usos das tecnologias para construção de memórias de determinados grupos, considerando as formas como seus corpos e subjetividades se reconfiguram em processos intergeracionais de criação de memórias e corporeidades em espaços presenciais e virtuais, ressignificando antigas e novas histórias e dinâmicas sócio-culturais.

Separamos dois aspectos para discussão, e o primeiro refere-se a como, no âmbito do projeto, os atos de lembrar que partem dos corpos dos cientistas desconstruem e reconstruem o que consideramos como memórias individuais e coletivas, favorecendo as conversas e as trocas de experiências. Além disso, todas as mediações para a linguagem escrita dessas trocas de experiências a partir dos atos de lembrar como discursos de memórias, foram feitas a partir dos usos das tecnologias de comunicação e informação, seja pelos cientistas, seja pelas pesquisadoras. Entre o que foi gravado digitalmente e a elaboração de um texto escrito publicado em livro, cientistas e pesquisadoras interferem nas representações primeiramente evocadas pelos atos de lembrar que partem dos seus corpos e se estendem para além deles, criticando nessas práticas performáticas a visão convencional de objetividade, de linearidade cronológica e de coerência nos processos de construção de memórias coletivas e históricas mediadas por tecnologias de informação e comunicação. Muitos dos resultados desses processos omitem as ambiguidades, as contradições, as subjetividades presentes nos atos de lembrar e no controle que os sujeitos tentam fazer destes, desde quando essas expressões partem dos seus corpos até quando elas se plasmam em outras

representações audiovisuais e escritas que, depois de autorizadas, invariavelmente apontam para a disciplinarização de memórias coletivas e históricas e de corporeidades, em termos de biopoder.

O segundo aspecto desdobra-se em outros, e diz respeito a como os corpos dos cientistas e das pesquisadoras, sejam mais jovens ou mais idosos, se defrontam com a excessiva naturalização dos usos dos aparelhos tecnológicos nesses processos de construção de memórias individuais e coletivas. Há em todo o processo a incorporação de elementos básicos da construção de discursos pelas linguagens em convergência, às vezes problematizada pelas demandas dos corpos dos cientistas mais idosos e pelas proposições das pesquisadoras, ou seja, dos mediadores, expressa desde os usos de programas eletrônicos de edição de textos para transcrição e edição dos documentos que são criados a partir das narrativas. Coloca-se, nesse caso, a pouca familiaridade de alguns dos cientistas mais idosos para interferir nas narrativas transcritas a partir da utilização dos mesmos, recorrendo às revisões do texto sob sua forma impressa ou com o auxílio de familiares, fato que consideramos apropriado para passar a compor as preocupações teóricas e metodológicas daqueles que lidam com tecnologias de informação e comunicação na contemporaneidade, já que essas relações com as linguagens por meio de dispositivos ligados às tecnologias de informação e comunicação configuram relações de poder complexas e desiguais sobre a produção de discursos de memória. Soma-se a isso as implicações dos usos de gravadores digitais e, sobretudo, das câmeras de vídeo e do domínio da linguagem audiovisual, tanto nas filmagens, quanto na transcrição e edição de textos partir das imagens para publicação escrita ou futura exibição audiovisual. Tais dispositivos requerem dos pesquisadores exigências de habilidades motoras, conhecimentos de linguagem e expressões técnicas, com seus formatos direcionados para performances de corpos jovens. Se observamos que estes também têm dificuldades para utilizá-los, tais dificuldades se aprofundam e trazem marcas de exclusão ainda maiores quando observamos os usos direcionados aos cientistas mais idosos nos processos de mediação, embora tais tecnologias guardem possibilidades que poderiam abrigar usos mais confortáveis, autônomos e sofisticados, outras performances e corporeidades, em forma e conteúdo indissociáveis. E, por fim, é preciso considerar, no universo da cultura digital, a importância para edição de um texto transcrito dos usos da internet, por meio de sites de pesquisa, links para enciclopédias

on line, universidades e centros de pesquisa no Brasil e no exterior, artigos científicos, livros, e-mails, que viabilizam o acesso a informações específicas, seja sobre contextos históricos, termos técnicos, conceitos e teorias, instituições, dados biográficos. Tais informações são fundamentais para a construção de documentos que compõem discursos de memória a serem divulgados e conhecidos por outros grupos e sujeitos, de diferentes gerações e interesses, pois dão sentido ao que foi dito, quando apresentam camadas de informações sobre a narrativa registrada, com citações e contextualizações dos eventos tratados.

Elencados esses pontos referentes às observações do percurso da pesquisa, observamos a construção complexa de novas relações com as linguagens e os dispositivos que as mediam na construção de discursos de memórias, que passam por questões intergeracionais, onde o corpo idoso não é visto como um problema, mas sim como uma problematização das relações dos corpos mais jovens e mais idosos com a naturalização que estes fazem das rotinas e das performances que as tecnologias os conformam. Observamos que nas práticas de mediação e transformação dos atos de lembrar e de narrar em discursos de memória, o corpo jovem não é parâmetro sobre como deve ser estabelecida a relação e a performance do corpo idoso com as tecnologias de comunicação e informação. Há especificidades que precisam ser consideradas, como expusemos. O projeto colocou a possibilidade de corpos, performances e experiências justapostas, não hierarquizadas, configurarem novas sensibilidades, percepções, expressões, linguagens, memórias e histórias.

Por outro lado, a valorização dos atos de lembrar e de narrar dos corpos mais idosos, por conter neles as possibilidades de construção de memórias e histórias e de usar as formas de expressão da oralidade e sua convergência com outras linguagens permitidas pelas práticas com tecnologias de informação e comunicação, derrubam mitos e estigmas sobre o que é apropriado ou inapropriado para um grupo. Assim, protagonizamos e testemunhamos a formação de novas comunidades de sentido, novas memórias e performances, não isentas de problemas ou de problematizações, vistas como construtivas e construídas, e não típicas de grupos mais jovens ou mais idosos. Alguns dos problemas dizem respeito à necessidade de pensar e repensar continuamente papéis e formas de mediação, com desdobramento de estudos teóricos e metodológicos interdisciplinares para dialogar com as experiências em curso e a dificuldade de

incorporar o atendimento dessa demanda ao conjunto das demandas que compõem o cotidiano da pesquisa acadêmica. Outro problema relaciona-se à crítica efetiva e mais aguda à visão corrente de construção de memórias a partir de narrativas, enxergando-a como elaboração de discursos que destacam suas subjetividades, contradições e ambiguidades, onde corpos de pesquisadores mais jovens incorporam com certa naturalidade dispositivos tecnológicos que são apresentados aos corpos dos sujeitos de pesquisa mais idosos como indispensáveis à mediação e construção dos discursos de memórias, atentando para as relações de poder implicadas no processo de pesquisa. Apesar desses dilemas, como vimos nesta pesquisa, encaramos que os sujeitos envolvidos trocam saberes e experiências, constroem conhecimentos em mão dupla entre comunidades científicas e acadêmicas.

Outro problema que a pesquisa possibilitou entrever foi o da predominância de um certo senso comum que ainda atravessa as experiências dos sujeitos que desenvolvem práticas discursivas sobre memórias (sejam os que narram ou os que registram e mediam), quando estes referem-se à noção de memória numa visão moderna, ainda valorizando origens e fixação, estabilidade perene, sem enxergá-la como políticas e discursos em disputa, inclusive no âmbito dos biopoderes e das biossociabilidades. Permanece uma certa ingenuidade que faz correspondência direta entre as representações advindas da construção de memórias e “a realidade”, como se esta fosse única, com significados de origem, com sentidos de finalidade, com ideia de verdade, já desconstruídas por perspectivas pós-estruturalistas a serem consideradas para o entendimento da complexidade em que vivemos. Por fim, apresentou-se um panorama intrincado nas práticas da pesquisa, do qual emergiram discursos sobre a memória e usos das tecnologias de informação e comunicação que apelam às reflexões sobre a questão da diversidade em termos de gênero, classe, etnia, entre outros recortes (LOPES, 2006), que poderiam desconstruir qualquer tentativa universalizante de dar forma definitiva às noções de uma comunidade científica coesa, ou mesmo às generalizações que podem ser feitas quanto às vivências nessa comunidade. Os cientistas mais idosos, ao falarem da velhice diante dessas tecnologias de comunicação e informação, caracterizam-na paradoxalmente como uma fase boa, de balanço de toda uma trajetória pelos atos de lembrar mediados em discursos de memória, cuja limitação maior diz respeito às possibilidades de percepções e intervenções do corpo idoso nessas

práticas discursivas de memórias em meio às corporeidades que estes estão inseridos. Alguns ressaltam essa oposição, corroborando a naturalização dos usos dessas tecnologias por parte dos pesquisadores mais jovens, sendo marginal e eventual os usos que fazem das mesmas, seja no espaço público, universitário, no âmbito do projeto, seja no espaço privado, familiar, onde essas tecnologias não estão presentes ou, quando estão, são apropriadas por filhos que nesta pesquisa, chegaram a mediar a construção do documento escrito, compartilhando-a com os cientistas mais idosos. Os cientistas mais idosos disseram: “Minha filha é quem mexe no computador, na internet, sabe de tudo o que estou falando, e vai ajudar na revisão”; “Eu tenho mais de 90 anos e não tenho condições ideais para certas atividades de revisão em tempo muito curto”. Esses sujeitos não possuem câmeras de vídeo, poucos lidam com câmeras fotográficas digitais ou utilizam a internet, com a frequência que as pesquisadoras e boa parte dos sujeitos mais jovens em nossa sociedade o fazem. Suas memórias, externalizadas em documentos digitalizados, passaram a constituir um corpo documental escrito, revisado e autorizado para publicação em livro, construídos de forma complexa, repleta de indas e vindas, de mediações de outros sujeitos, como familiares ou profissionais do meio acadêmico conhecido por eles, para que se estabelecessem finalmente como discursos de memória sobre trajetórias individuais numa comunidade científica reconhecida.

Perguntamo-nos: esses discursos que passam a habitar o universo dos discursos de memórias sobre comunidades científicas e sobre história da ciência no Brasil, que agora podem ser acessados por cientistas e pesquisadores mais jovens ou mais idosos, em qualquer local e a qualquer tempo, independente do momento em que foram narrados os atos de lembrar, podem constituir novos atos de lembrar em novos corpos e performances que incorporam esses discursos de memórias? Os discursos de memórias individuais registrados e transformados em linguagem audiovisual e escrita ganham independência dos corpos dos sujeitos dos quais partiram os atos de lembrar? Discursos de memória em circulação tornam-se novos corpos sem órgãos, em devir, tocados, agenciados por intensidades, ondas, impulsos de outros corpos?(DELEUZE & GUATTARI, 1995) Nesses processos que explicitam como são feitas as mediações na construção discursiva de memórias individuais e coletivas, as tecnologias de informação e comunicação conformam-se como extensão dos corpos, transformando e criando novas percepções, como imaginaram McLuhan e seus herdeiros que estudam

comunicação, cibercultura, arte, ciência e tecnologia? (McLUHAN, 2001) Estas são algumas questões suscitadas pelos diálogos e dilemas científicos, discursivos e intergeracionais que protagonizamos e observamos... Um fato importante a considerar é que as experiências vividas pelos cientistas são compartilhadas por meio de histórias e lembranças, que partem dos atos de lembrar, das práticas em torno da faculdade da memória, e se transformam em representações, em discursos de memória, em memórias coletivas, em memórias históricas. Nesse processo, as memórias dos mais velhos transformam-se em outras camadas de experiências dos mais novos, parte das vivências destes que passam a compor novas performances dos seus próprios atos de lembrar, suas próprias memórias individuais e coletivas. Percebemos que nós, cientistas mais jovens, também lembram e criam formas de deixar vestígios, fazer discursos, estabelecer traços sobre a realidade. Os mais jovens têm memórias e experiências a compartilhar tanto quanto os mais idosos, e estes, por sua vez, têm formas de comunicar e informar tanto quanto os mais jovens, e que ainda problematizam, desnaturalizam e ressignificam olhares e modos de compreender certos usos das tecnologias de informação e comunicação. A pesquisa atingiu nossos corpos, de cientistas mais jovens, transformando corporeidades, quando fez com que nos deparássemos com a questão da alteridade, ao nos compararmos com os cientistas idosos quanto às formas como nossos atos de lembrar, partindo de nossos corpos, se convertem em discursos de memórias, como lidamos com as tecnologias de informação e comunicação, para entender como se configuram diferentes performances, ritmos, discursos e estéticas geracionais. Olhamos para nossos corpos e suas performances, antes naturalizados, como expressão de diferenças, como formas de comunicação, de interação, portadores de técnicas e tecnologias. Nos preocupamos em como sujeitos diferentes de nós vão interpretar modos de vestir, estéticas pessoais, jeitos de falar, usos de objetos e dispositivos tecnológicos como, por exemplo, uma câmera de vídeo. Corpos mais jovens se auto-observam e contemplam surpresos o quanto naturalizam suas formas de expressão corporais e as relações dos seus corpos com as tecnologias de informação e comunicação, reconhecendo que estas foram feitas primordialmente para eles, excluindo, marginalizando, tornando difícil, ou mesmo inacessível ou ininteligível por parte dos corpos e corporeidades dos mais idosos a visualização, a compreensão, a percepção de um dispositivo tecnológico, de uma informação, de uma imagem, de um

escrito, de um som digitalizado. Estes, por outro lado, trazem seus corpos, performances, ritmos e estéticas de outras gerações, às vezes expressos num misto de auto-valorização e depreciação, expressos em falas irônicas sobre si mesmos. Corpos como expressão de experiências, que muitas vezes se vêem como problema, mas que, para nós, constituem-se como corpos que nos problematizam, problematizam noções estáveis de comunidade científica; interrogam os universalismos do ambiente acadêmico; interrogam as relações estabelecidas e naturalizadas quanto às tecnologias de informação e comunicação, em forma e conteúdo indissociáveis, tanto quanto se tornaram as práticas de pesquisa e de construção de arquivos e discursos de memória, aqui problematizadas. Cientistas mais idosos e mais jovens criam e recriam ambientes, estéticas, performances, corporeidades, discursos, memórias, arquivos, usos de tecnologias com novos sentidos. Estas práticas podem ser consideradas como performances e também como novas políticas de memória e de arquivo, em diálogo com o que Jacques Rancière definiu como partilha do sensível (RANCIÈRE, 2005). Dessa forma, a pesquisa possibilitou usos de tecnologias, bem como reflexões sobre como estas interferem nos processos de mediação discursiva de memórias, no que diz respeito a como se configuraram formas éticas e estéticas decorrentes desses usos compartilhados em entrevistas gravadas e mediadas em suportes digitais, parte de um trabalho de arquivos numa cultura digital.

### **Referências bibliográficas**

ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria; FERRAZ, Márcia H. M.; BELTRÁN, Maria Helena R.; SANTOS, Andrea Paula dos (orgs.) . *Simão Mathias Cem Anos: Química e História da Química no início do século XXI*. São Paulo: Ed. SBQ/CESIMA, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005a.

\_\_\_\_\_. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005b.

\_\_\_\_\_. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CARDIM, Leandro Neves. *Corpo*. São Paulo: Globo, 2009.

CAVENACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

- COURTINE, Jean-Jacques (org.) *História do corpo: as mutações do olhar. O século XX*. Vol. 3, Petrópolis: Vozes, 2008.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo. Uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- \_\_\_\_\_; BENNINGTON, Geoffrey. *Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- FERRIGNO, José Carlos. “A identidade do jovem e a identidade do velho: questões contemporâneas”. In: *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: SESC/PUC, 2006, pp. 11-23.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. v. 1 A vontade de saber. v. 2 O uso dos prazeres. v. 3 O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2006;
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. 29a. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, Ed. UNESP, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002.
- GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11a ed., Porto Alegre: DP&A Editora, 2006.
- HUYSSSEN, A. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2004.
- KECK, Frédéric; RABINOW, Paul. “Invenção e representação do corpo genético”. In: *História do corpo: as mutações do olhar. O século XX*. (COURTINE, Jean-Jacques, org.) Vol. 3, Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 83-108.
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. “Diversidades na velhice: reflexões”. In: *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: SESC/PUC, 2006, pp. 87-99.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. “Visão antropológica do envelhecimento humano”. In: *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: SESC/PUC, 2006, pp. 47-59.

NERI, Anita Liberalesso. (org.) *Idosos no Brasil. Vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo/ Edições SESC SP, 2007.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Trabalho do Antropólogo*. 2a. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto. Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

POLLAK, M. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, ano 10, 1992, pp. 200-212.

\_\_\_\_\_. “Memória esquecimento, silêncio”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível. Estética e política*. São Paulo: EXO Experimental/Ed. 34, 2005.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Andrea Paula dos. “Imagens e sons de histórias do tempo presente e do imediato: identidades e concepções de sujeito, memórias e subjetividades em (des)construção no cotidiano da História”. In: *Revista de História Regional*. 12(1): 101-129, Verão, 2007.

\_\_\_\_\_; RIBEIRO, S. L. S.; “Memórias de uma comunidade científica no Centenário de Simão Mathias: histórias e trajetórias de cientistas da Química no Brasil”. In: *Simão Mathias - Cem Anos: Química e História da Química no início do século XXI* (ALFONSO-GOLDFARB, A. M.; FERRAZ, M. H. M.; BELTRÁN, M. H. R.; SANTOS, A. P. dos, orgs.) São Paulo: EDIT-SBQ, PUC-SP, 2010, pp. 127-139.

SARLO, B. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ZHUMTOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.